DOGMATISMO E O CRITICISMO, mas sim como um supremo esforço da vontade cujo derradeiro querer consiste em anular-se a si mesma como vontade. (Tema caro aos românticos, cuja expressão mais clara encontramos no Hölderlin de *AN DIE NATUR*. Tema que, igualmente, manifesta poderosas implicações cristológicas, que serão desenvolvidas na FILOSOFIA DA REVELAÇÃO: o finito, sob a forma do Eu, é o acto de suprema separação relativamente ao infinito, mas é também o ponto de impacto do infinito no finito; tal como o Filho, sendo o próprio finito, por ter nascido do Pai, fecha o mundo da finitude e abre o reino do Espirito).

O que se passa é que estamos diante de um alargamento inaudito da noção de vontade (que serve agora de ponte entre a parte teórica e a parte prática da filosofia), considerada como a única acção verdadeiramente sintética: o querer não releva somente do domínio prático, pois também no domínio teórico é pela vontade que o espírito se liberta dos objectos e se intui como espírito.

As INVESTIGAÇÕES FILOSÓFICAS SOBRE A ESSÊNCIA DA LIBERDADE HUMANA (1809) marcam uma inflexão decisiva no pensamento schellinguiano, que vinha sendo preparada, no entanto, desde há alguns anos, pela introdução do tema da *Abfall* (revolta, rebelião, culpa), que desempenhará, como nos propomos mostrar, importante papel na *Spätphilosophie*. Não se trata, agora, de negar o Eu para afirmar o Todo, mas mostrar como a vida fora do Todo é manifestação de um princípio existente em Deusa, que Schelling chama natureza. Que razões explicam uma tal mudança de orientação? Primeiro, a consideração da positividade da vida finita e do seu corolário obrigatório: a existência do Mal..

Em segundo lugar, uma concepção de Deus como vontade (e já não como unidade indiferenciada) e a admissão da existência de dois princípios em Deus: uma vontade universal de manifestação e uma vontade particular. Se no espírito divino as duas se mantêm necessariamente unidas, no homem podem separar-se, pois a vontade particular pode tornar-se ipseidade e afirmar-se como tal.

A contradição entre os dois princípios tornada espiritual no homem, tal é, segundo a nova perspectiva, a origem do pecado e da culpa. ❐

O fenómeno da liberdade como "introdução" à filosofia no pensamento de Martin Heidegger

JORGE CÉSAR DAS NEVES

EM que medida é a "filosofia prática" não apenas uma das disciplinas filosóficas mas também, como pensar da dimensão de sentido aberta pelo homem na prossecução da sua existência, a determinação última da filosofia? Em que medida conquista a filosofia com a exploração filosófica da praxis a determinação filosófica última e mais originária do homem? Como é que esta reflexão filosófica fundamental sobre a "essência" do homem se constitui como o movimento mais próprio da filosofia mesma e não é meramente um objecto de uma disciplina denominada "Antropologia Filosófica"?

Ao colocar estas perguntas no centro das nossas reflexões, escolhemos para objecto do nosso estudo a apropriação da filosofia prática de Kant elaborada por Martin Heidegger, uma vez que estas são precisamente as questões por ele aí levantadas. O seu propósito afasta-se não apenas de um estudo doxográfico do pensamento kantiano como também de uma compreensão do "prático" como âmbito regional da investigação filosófica; mas, acima de tudo, pretende Heidegger retomar, como em todos os seus escritos, a incessante reposição da única e fundamental pergunta da filosofia.

De um modo particular privilegiaremos como suporte das nossas reflexões o curso proferido em Friburgo em 1930 sob o título "Da essência da liberdade humana. Introdução à filosofia". A conveniência estratégica da discussão - e "destruição" - da abordagem kantiana do tema "liberdade" concentra-se na radical inversão que Heidegger pretende introduzir na tematização desse fenómeno: a liberdade não é, como pretendia o filósofo de Königsberg desde a *Crítica da Razão Pura*, uma modalidade da causalidade mas é antes esta que se funda na liberdade.

Esta revolução das conexões entre estes conceitos traz consigo uma inversão também nas relações fundacionais tradicionalmente existentes entre a ordem do teórico e a do prático. Esta inversão é justamente fundamental porque é o próprio acontecimento e movimento da filosofia mesma que é atingida por esta determinação da essência da liberdade.

Ao terminar o curso apresentando a liberdade como "condição de possibilidade da compreensão ontológica", Heidegger responde à exigência colocada pela Filosofia com que o curso fora iniciado: a filosofia tem de ser um "perguntar em direcção ao todo" e, simultaneamente, um "ir às raízes". O campo de sentido englobante em que tudo quanto é se torna acessível, o *Dasein*, é precisamente aberto pela liberdade.

Por fim, o nosso breve estudo não quer deixar de colocar uma questão crítica: ao colocar a questão da praxis com uma tal radicalidade, não compromete Heidegger a possibilidade de tematizar as tarefas que tradicionalmente eram atribuídas à filosofia prática - ética, filosofia política e filosofia da religião? ❐